

Preparam-se para o dia 1.º de maio *manifestações subversivas* **(1962)**

Sábado, 28 de abril de 1962, o jornal *O Setubalense* noticia na primeira página: «Preparam-se para o dia 1.º de maio manifestações subversivas contra as quais o governo anuncia tomar providências». Atribui-as ao Partido Comunista Português, esclarecendo que tinham «por finalidade o estabelecimento de verdadeiro estado de subversão e sublevação dos trabalhadores» (*O SETUBALENSE*, 1962, 28 de abril: 1 e 4).

O ciclo de manifestações contra o regime, que ocorreu no ano de 1962, começou em 31 de janeiro desse ano, com uma manifestação nas ruas do Porto, em que cerca de 50 mil pessoas gritaram: «PORTUGAL SIM! SALAZAR NÃO» (*AVANTE!*, 1962, fevereiro: 1 e 4).

O sucesso desta manifestação fez o Partido Comunista Português decidir organizar outra em Lisboa, no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, que foi violentamente reprimida. A polícia lançou jatos de água colorida de azul sobre a multidão, por um lado, para a dispersar, por outro, para facilitar a identificação dos manifestantes que fugiam. A violenta carga policial faz vários feridos e algumas prisões (*Ibidem*, março: 1).

Após as manifestações de 31 de janeiro e de 8 de março, em Lisboa e no Porto, o PCP começou a preparar as do 1.º de maio, que deviam ocorrer também um pouco por todo o país, embora com maior incidência em na capital e na Invicta. Ainda em março, num apelo para o 1.º de maio publicado no *Avante!*, afirmava-se que a elevação do nível das lutas populares estava a criar «as condições indispensáveis para o levantamento nacional que derrubará o fascismo» (*Ibidem*). Este otimismo explica por que as comemorações do 1.º de maio eram vistas como as primeiras de um conjunto de ações de rua que o PCP perspectivava para esse mês.

O Governo preparou-se para o dia 1 de maio «firmemente decidido a impedir

para o dia 8 de maio, data em que se comemorava o 17.º aniversário da vitória dos Aliados na II Guerra Mundial, e para o dia 28, por coincidir com o 37.º aniversário do golpe de 1926 que instaurou a Ditadura Militar. Apesar da grande repressão policial sobre as manifestações do 1.º de maio, tudo apontava para um crescendo ou, pelo menos, para a manutenção de altos níveis de combatividade popular.

Em Setúbal, a manifestação que ocorreu em 28 de maio foi violentamente reprimida. A PSP reforçou a sua presença, cortou a circulação do trânsito, agrediu à bastonada e disparou sobre os manifestantes que se aglomeravam no Jardim do Bonfim e na Av. Luisa Todi, que responderam apedrejando as forças policiais. Os confrontos prolongaram-se até à meia-noite, com vários feridos e dezenas de prisões (*Ibidem*, junho: 1).

Nos meses seguintes, o movimento foi perdendo fulgor, embora em muitos setores da oposição permanecesse viva a ideia de que era preciso radicalizar a luta, passando, inclusivamente, à luta armada. **[ASM]**